Livro da Sabedoria

Teologia

Pe. Me. José Ancelmo Santos Dantas

Sumário

Livro da Sabedoria

Figura 1- IA- Ponte entre duas épocas demonstrando a fusão visual entre uma cidade antiga e uma moderna, representando a continuidade do conhecimento e da sabedoria ao longo dos tempos, refletindo o "fruto maduro" da reflexão humana.

Trata-se de um fruto maduro da reflexão humana dentro de uma corrente histórica determinada. O autor ou autores são pessoas que recebem impulso, alento, inspiração de seu meio ambiente e, por sua vez, trazem seu grão de areia, sua própria riqueza como contribuição. À medida que aprofundamos mais o conhecimento e o estudo do Livro da Sabedoria, descobrimos com satisfação que sua contribuição ao acervo comum é maior do que se tem afirmado até hoje e que em muitos aspectos parece quase inesgotável: problemas profundamente humanos de todos os tempos são em parte resolvidos ou pelo menos inicialmente iluminados, já que nos introduzem em mistérios e enigmas muito mais profundos, os quais são um desafio, para todos, sobretudo, para os que creem.

1. Autoria

Seguimos a maioria dos especialistas que afirma: o autor da Sabedoria era um judeu bem-informado na fé e na cultura de seu povo, cujos livros e história servem como ponto de referência para suas reflexões. Além disso, trata-se de um autor respeitado na língua e na cultura gregas, como mostram o próprio texto da Sabedoria e os conhecimentos enciclopédicos e filosóficos gerais, dispersos em toda a obra. Essas características não determinam por si mesmas uma data fixa, mas estão perfeitamente de acordo com o que propomos: a época de Augusto. Elas supõem uma infraestrutura social e cultural muito avançada, que somente se pode dar em uma grande cidade; se no Egito, é lógico que seria Alexandria. Na época de Augusto, a comunidade judaica de Alexandria é florescente: cultivam-se as artes, as letras, luta-se com determinação para conservar a própria cultura e colocar-se no mesmo nível sociocultural dos cidadãos de Alexandria.

O ambiente que o livro reflete não é o de um tempo de perseguição contra os judeus, mesmo que na primeira parte se descreva um confronto entre o justo e os malvados. O justo apresenta-se como o protótipo do homem fiel como indivíduo, não como representante do povo judeu ou da comunidade local. Muito provavelmente o autor está pensando em situações da vida normal em que os judeus apóstatas que abandonaram a fé e os ensinamentos de seus antepassados a viver como pagãos libertinos e a zombar dos que se mantinham fiéis na fé conforme se pode ler em (Sb 2,10s; 3,2.10; 5,4-8).

Enfim, salvo engano, a data de composição do Livro da Sabedoria se dá no tempo de Augusto, por volta dos anos (30 a.C a 14 d.C) sendo que, o advento da era cristã não constitui impedimento para isso.

2. Formação Paulatina de Sabedoria

Que o livro da Sabedoria tenha sido composto durante o longo reinado de Augusto não significa que o seu autor tivesse de demorar todo esse tempo para escrevê-lo. Tampouco significa que não pudesse utilizar materiais muito mais antigos e mesmo fora do Egito ou, pelo menos, de influência palestinense. Isso parece evidente na primeira parte do livro. Aliás, o livro contém 19 capítulos divididos, em geral, em 03 partes, seguidas por 01 reflexão final e uma conclusão.

- *A primeira parte aborda: vida humana e o juízo escatológico (Sb 1,1 – 6,21);*
- *A segunda parte toca sobre: o elogio da sabedoria (Sb 6,22 – 9,18);*
- *A terceira parte relata: a justiça de Deus na história (Sb 10 – 19);*
- *A reflexão final encontra-se em (Sb 19, 10-21);*
- *E a conclusão ficando somente por conta do versículo 22, sendo: um hino de louvor a Deus.*

3. A Importância Doutrinal do Livro da Sabedoria

Cronologicamente falando, Sabedoria é o último livro a fechar a lista dos livros canônicos do Antigo Testamento. Sua importância reside principalmente no valor intrínseco de sua doutrina, verdadeira ponte entre a antiga e a nova era a despontar. Em seu conjunto, o livro é fiel reflexo da história milenar de um povo rico em experiência religiosa. Continuamente nos remete a tradições antigas que se conservam vivas pela meditação privada e pela pregação oficial e publica. Esta tem lugar na Sinagoga por ocasião das festividades litúrgicas, nas quais se reza, se canta e se louva a Deus com os Salmos. o

autor da Sabedoria está bem familiarizado com a leitura dos profetas; há momentos em que ao ler aquele livro temos a impressão de estar lendo um dos antigos profetas quando trata, por exemplo, de justiça ou injustiça.

O autor anônimo, inserido na corrente dos sábios judeus e helenistas não pode deixar de tratar de temas tão sugestivos e brilhantes da *sabedoria* e do *Espírito*, alcançando patamares até então, desconhecidos. A fé israelita e a bagagem cultural religiosa helenista, mas, no caso, de cunho (*greco-egípcia*) fecundam-se mutuamente e, por caminhos diferentes ao notadamente palestinense (Daniel e 2 Macabeus). Os judeus da diáspora no Egito, são ilustrados e catequisados nos mistérios até agora não decifrados da injustiça dominante, do sofrimento sem sentido, dos fracassos aparentes e da morte imerecida dos justos. A nova chance de interpretação está na fé segura e firme e no ensinamento sobre a retribuição também ultraterrena, segundo o juízo misericordioso, sereno e insubornável de Deus.

4. A Sabedoria

Neste livro as especulações sobre a Sabedoria atingem seu grau mais elevado. Contribuíram para isso uma longa tradição de escola, um meio cultural favorável e as qualidades especiais do autor. O tema da Sabedoria é muito importante no livro. A *Sophia* é, sem dúvida, protagonista da segunda parte (2,22 – 9,18), que leva por título: Elogio da Sabedoria. Sua importância indiscutível ficará evidente no presente tópico. Talvez tenha sido essa a razão pela qual o livro tomou o nome de Sabedoria de Salomão. Na primeira parte (1,1 – 6,21), passa, praticamente despercebida. Citada somente em (Sb 1,4.6; 3,11); na terceira parte (10 – 19), por sua vez, aparece apenas em (Sb 10) e nos (vv. 4.8.9.21), sendo que o pronome referindo-se a ela nos (vv.
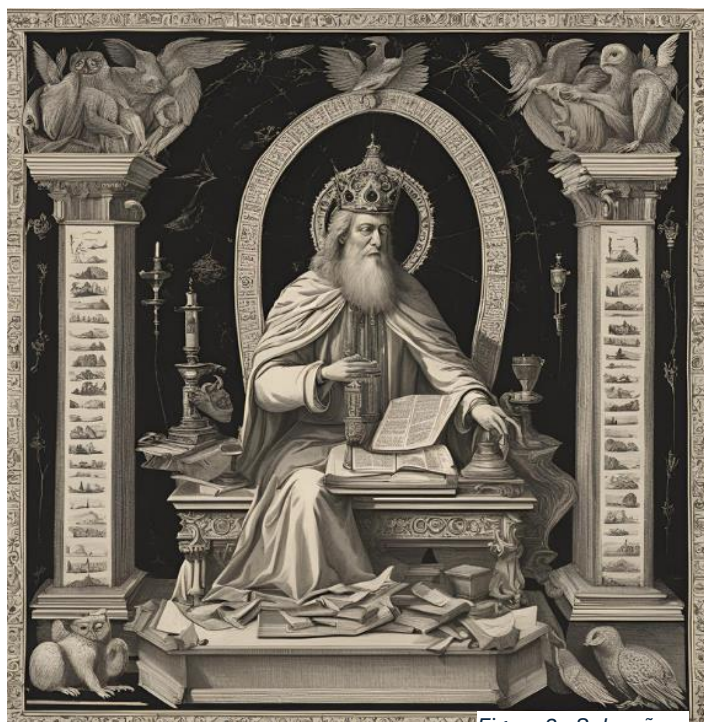
Figura 2 - Salomão

1.5.6.10.13.15), além disso, leva duas tímidas presenças, em (Sb 14,2.5) ao tratar sobre a idolatria.

5. Sabedoria e o ambiente helenístico alexandrino

Um dos elementos mais genuínos da cultura antiga do Oriente Próximo e da bacia oriental do Mediterrâneo é a especulação sobre os temas fundamentais da vida, cerne da literatura sapiencial. A trajetória não é nova e tem sido objeto de muitos estudos. Até o fim do século I a.C e início da era cristã, ao tempo em que o autor da sabedoria vivia, Alexandrina do Egito, era um centro cultural de primeira ordem. A ela afluíam todas as correntes de pensamento. Pode-se considerá-la a herdeira e depositária legítima da civilização várias vezes milenar do alto e do baixo Egito, de Tebas, de Mênfis e de todo o delta. Nela compareciam o Oriente e o Ocidente (Roma e Atenas): seu museu e sua biblioteca, célebres, constituíam todo um símbolo.

O autor de Sabedoria, homem culto e aberto às correntes dominantes grega e semita, encontrava-se em ótimas condições para dissertar sobre a sabedoria e trazer algo novo, fruto da fusão de culturas distintas, mas complementares. Descobre-se, sem dificuldade, a tradição sapiencial do antigo Israel no livro; as especulações sobre sabedoria ligam-se espontaneamente aos sapienciais anteriores, sobretudo com Provérbios. Mas apareciam também de vez em quando na diáspora, judeus de espírito aberto às correntes de então, que sabiam assimilar, prudentemente; nosso autor é um exemplo magnifico disso. Além do mais, o Egito oferecia aos israelitas sábios um aliciador especial: dois de seus grandes antepassados, protótipos do sábio, tornaram-se conhecidos em todo o Egito: José, nascido na terra de Israel, porém revelado no Egito; e Moisés, egípcio de nascimento e de educação. O Egito era, pois, terra propícia para que um autêntico sábio israelita produzisse também frutos autênticos de sabedoria.

No livro da Sabedoria lutam entre si ao mesmo tempo o espírito particularista do israelita e o universalista do helenista. Por seu caráter helenista e universalista, o autor de Sabedoria pode ser considerado também um herdeiro da tradição internacional dos sábios do Oriente antigo. Dessa maneira a (*hokma*) semítica vai converter-se na (*sophía*) grega, porém, elevada a uma categoria até então apenas inusitada com timidez, pelo menos no âmbito israelita.

6. Personificação da Sabedoria

Às vezes os investigadores falam indiscriminadamente de personificação ou de hipóstase da sabedoria, confundindo os termos. Hipóstase na terminologia teológica, quer dizer pessoa; personificação não chega a tanto: é uma figura literária conhecida e empregada universalmente; daí o tratamento de pessoa dado à sabedoria mesmo sabendo que não o é. O autor do livro a louva para que seja amada; mas está convencido de que o melhor caminho para conseguir seu propósito é apresentá-la como se fosse uma verdadeira pessoa. Qual é, entretanto, o conteúdo da sabedoria personificada? Trata-se mera abstração ou é necessário atribuir-lhe uma subsistência própria, pelo menos, como ser intermediário entre Deus e o resto da criação?

A pura abstração poética parece ser demasiado pouco, pois não se trata de um mero jogo de fantasia, cujo conteúdo, fica na imaginação do artista; mas, uma subsistência própria e distinta da de Deus, mesmo que dependente, é bem remota. Devemos, pois, entender, por personificação da sabedoria um termo médio entre, a pura fantasia poética e a hipóstase. Não é um conceito vazio de conteúdo, nem tampouco é um conceito unívoco, afinal de contas, pode se referir à sabedoria humana e a divina. Por essa razão, a personificação da sabedoria está relacionada a um atributo real e objetivo no homem ou em Deus, que elevamos poeticamente à categoria de pessoa.

Basta um breve exercício para compreendermos que, desde as primeiras sentenças do livro ao ressoar o nome Sabedoria, esta última aparece como pessoa:

- *“A sabedoria não entra (...) nem habita (...) ” (Sb 1,4);*
- *“A sabedoria é um espírito amigo dos homens (...) não deixa impune o desbocado (...)” (Sb 1,6);*
- *“A sabedoria é cantada como uma noiva (...)” (Sb 8,2s);*
- *“A sabedoria é descrita como boa esposa e fará com que o seu marido julgue com justiça (...)” (Sb 9,12);*

Enfim, há de um lado, a sabedoria humana e esta diz respeito aquela de que falam, tradicionalmente, os sábios. A ela, inclusive, o homem pode chegar com muito esforço e determinação. Trata-se, portanto, da sabedoria que se aprende. É também um dom de Deus, como o é, a luz, o sol, e todo o bem que o homem faz ou consegue. A perícope presente em (Sb 7,8s) ilustra bem este conceito! De outro lado, em (Sb 7,22 – 8,1) tem-se o lugar por excelência em que o autor fala da sabedoria como fala de Deus. Por isso

ela é chamada por “artífice do cosmos” (7,22), atributo propriamente divino. A Escritura não conhece mais que um “Criador” e “Artífice” de tudo (Gn 1,1), ou seja, o Deus único, cujo nome é definido pelas letras sagradas (Dt 6,4). Mas, aqui em (Sb 8,6) fala-se a respeito da Sabedoria como “artífice dos seres”. Em todo caso, a sabedoria não é uma deusa junto ao SENHOR, apesar de o autor afirmar em (Sb 9,4) “Dá-me a sabedoria que se assenta contigo em teu trono”. Neste caso, assentar no sentido de compartilhar, do grego (*páredron*), uma espécie de associado ou membro participante (*páredros*), palavra esta que no mundo helênico – grego era aplicada as divindades de segunda ordem. Isso nos leva a crer que, o autor não reconhecesse na sabedoria uma personalidade ou hipóstase independente de Deus; mas sim, pelo menos, como alguém que concebe o atributo divino da sabedoria personificado.

7. Recapitulação

O livro da Sabedoria é uma releitura ao Antigo Testamento feita por um judeu da diáspora no alvorecer da era cristã. Interessa ao autor recordar a história passada de seu povo, mas não porque é muito bela e porque é história, mas sim, porque nessa história descobre-se a maneira de ser e de agir de Deus, no qual seu povo cria e ele também crê. Vista desse modo a história: em sentido restrito, de história do povo de Israel, e em sentido amplo, de história universal de todos os povos, converte-se ela em mestre da vida, para quem a sabe interpretar. O crente descobre a presença de Deus em todas as reviravoltas de sua vida, e aprende que Deus lhe fala, por meio de todos os acontecimentos, palavras de alento e de esperança. Porque ele é Senhor da história, como o é da criação.

Deus promete a vitória final, escatológica, aos indivíduos (primeira parte) e aos povos (terceira parte), mesmo que uns e outros tenham de padecer e sofrer derrotas parciais que, a olhos profanos, parecem definitivas. Deus é educador e mestre dos que nele confiam, indivíduos e povos, mesmo quando castiga e quando premia. Os que vangloriam por descobrir sua vontade e por segui-la, obedecendo a sua leis, participam da sabedoria. Ela os converte em justos, amigos de Deus, profetas e reis (segunda parte). os que se esquecem de Deus e seguem seus próprios critérios, convertem-se a si mesmos em norma suprema de justiça. Dessa maneira, pervertem a ordem dos valores humanos e divinos, transformam-se em malvados, ímpios, idólatras e, portanto, em réus de lesa-divindade e humanidade. Não importa o nome que se dê as autoridades ímpias ou aos ídolos que o homem se forja, pois cada tempo tem os seus, também o nosso. Deus é o único salvador

do homem (16,7), mas o faz a sua maneira, não anulando o homem, mas devolvendo-lhe sua dignidade e fazendo que salve a si mesmo e aos demais (6,24).

Como clímax seja relembrada uma palavra do profeta Isaías e outra da carta de Lucas atribuída ao apóstolo Pedro: “Eu, eu sou o Senhor, fora de mim não existe Salvador” (Is 43,11); “Em nenhum outro há salvação, pois não existe debaixo do céu outro nome, dado a humanidade, pelo qual, devamos ser salvos” (At 4,12).